

A heterogeneidade na constituição dos dizeres dos professores de língua inglesa

The heterogeneity in the constitution of the English Language Teachers sayings

Marcia Iolanda de Souza de Oliveira¹

Élcio Aloisio Fragoso²

Resumo: Este artigo recorta o estudo em Oliveira (2016), abordando e aprofundando as reflexões acerca das formas de heterogeneidade constitutiva do discurso e representada no discurso. Para tanto, analisamos os dizeres de professores de língua inglesa, considerando o modo como interpretam o universo que os cerca. Desse universo buscamos as discursividades que representam os olhares desses sujeitos sobre eles mesmos e sobre a língua que ensinam. No desenvolvimento desta temática buscamos apoio nos trabalhos de Authier-Revuz (1990; 1998), Pêcheux (1995), Morello (1995) e Serrani (1991), em suas abordagens discursivas acerca da relação interdependente das formas de heterogeneidade com a exterioridade. A partir deste *corpus* observamos que é estruturante para o professor de língua inglesa sua inscrição no imaginário e, em seu engendramento pela exterioridade, a ilusão de centramento é o que restitui a heterogeneidade desse sujeito e de seu discurso.

Palavras-chave: Heterogeneidade; Exterioridade; Discurso; Sujeito.

Abstract: This article cuts the study in Oliveira (2016), by approaching and deepening the reflections about the constitutive heterogeneity of the discourse and represented in the discourse. Therefore, we analyze the sayings of english teachers, considering how they interpret the universe that surrounds them. From this universe we look for the discourses that represent the looks of these subjects on themselves and on the language they teach. In the development of this theme we rely on the works of Authier-Revuz (1990, 1998), Pêcheux (1995), Morello (1995) and Serrani (1991) on their discursive approaches about interdependent relationship between forms of heterogeneity with the exteriority. From this corpus we observe that it is structurant for the english language teacher his inscription in the imaginary and, in his engenderment by exteriority, the illusion of centering is what restores the heterogeneity of this subject and his discourse.

Keywords: Heterogeneity; Exteriority; Discourse; Subject.

Introdução

Na configuração desta temática sobre a heterogeneidade do/no discurso, trazemos uma análise baseada nos estudos de Authier-Revuz (1990; 1998), e desenvolvidos por Morello (1995) e Serrani (1991), no entrelaçamento com a teoria discursiva dada em Pêcheux (1995). A perspectiva discursiva, tratada nessas obras, alinha-se à proposta de construção do saber acerca das instâncias que marcam a

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e professora do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) – Campus Ariquemes. E-mail: misprof6@yahoo.com.br

² Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – Campus Porto Velho. E-mail: elciofragoso@unir.br

heterogeneidade constitutiva do discurso e a heterogeneidade representada no discurso de professores de língua inglesa³.

Embora distintas, veremos que as duas formas de heterogeneidade atuam de maneira interdependente. A partir dessa relação buscamos os efeitos de sentidos sobre o funcionamento do pré-construto⁴ e sua relação com a paráfrase, conforme Pêcheux (1995) e Serrani (1991).

Outra perspectiva a ser considerada está nas análises de Morello (1995). A autora posiciona a forma constitutiva no plano da exterioridade e a forma representada no campo dos processos de enunciação. Sendo assim, a heterogeneidade constitutiva acontece por meio do interdiscurso ao passo que é atravessada pelos processos de enunciação configurados no viés intradiscursivo. É quando acontece a fusão dos esquecimentos (PÊCHEUX, 1995), mediante a co-relação de uma natureza inconsciente, ligada ao que é constitutivo do discurso, com aquilo que diz respeito ao dizer do sujeito e como esse dizer é representado no discurso.

É a partir dessas abordagens que buscamos, nesta análise, apresentar como a heterogeneidade constitui aquilo que é da ordem do simbólico e do imaginário, sendo constitutiva dos processos de subjetivação e observável nos dizeres materializados no fio do discurso.

Para efeito de análise, tomamos como materialidade discursiva alguns dos discursos que circulam entre os professores de língua inglesa. Sobre seus dizeres consideramos o modo como esses sujeitos veem a língua que ensinam e como eles veem a si mesmos, interpretando o universo que os cerca. Trata-se aqui de uma análise que recorta um trabalho mais amplo em Oliveira (2016), aprofundando as reflexões propostas nesta temática.

³ Este artigo é parte da pesquisa desenvolvida entre os anos de 2014 a 2016. Neste trabalho, entrevistamos, de forma oral e escrita, quatro (04) professores com experiência de no mínimo três (03) anos no ensino de língua inglesa. Cada sujeito era atuante em, pelo menos, um segmento de ensino (público, particular e idiomas) e residente no Município de Ariquemes, Rondônia.

⁴ Para Pêcheux (2011), a forma de um pré-construído é um dizer instituído na cadeia interdiscursiva que se constitui como micro-organismos ideológicos que se instauram na língua e nos discursos, constituindo uma ideologia dominante.

Heterogeneidade e exterioridade

O trabalho de Authier-Revuz (1990), situado no campo da enunciação da Teoria do Discurso, destaca-se por seu valor teórico ao trazer uma proposta de heterogeneidade constitutiva, sustentada pelo dialogismo bakhtiniano, quanto aos elementos da dialogização interna do discurso. Essa base é o que permitiu à autora traçar uma linha teórica sobre como determinadas formas linguísticas são apresentadas e materializadas, constituindo o que ela chama de heterogeneidade representada⁵ no discurso.

Tal pensamento tem seu ponto de ancoragem na teoria de Lacan (1978), coadunando com os princípios da Análise de Discurso ao tratar a questão do inconsciente sob a vertente da ideologia (PÊCHEUX, 1995). É na abordagem sobre o “Outro” que a teoria lacaniana se alinha aos estudos discursivos, trazendo uma compreensão aprofundada sobre os processos de subjetivação. É nesta abordagem teórica que também encontramos uma similaridade do “Outro” com o “Sujeito”⁶ de Althusser (1985), quando este fala da personificação das massas, o povo.

De acordo com Pêcheux (1995, p.131) “o inconsciente é o discurso do Outro”.

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado... pouco importa a palavra desde que longe do desdobramento do sujeito ou da divisão como efeito sobre o sujeito do seu encontro como o mundo exterior (...) (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

Mediante a isso, a autora desenvolve os conceitos de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade representada. A forma constitutiva está baseada no

⁵ Em Paulillo (2004) encontramos a seguinte nota: “No início de suas pesquisas sobre os fenômenos da modalidade antonímica enquanto emergências da não-coincidência, Authier trabalhava com a nomenclatura ‘heterogeneidade mostrada’; a partir de 1990, a autora passa a nomear tal categoria ‘heterogeneidade representada’, marcando, assim, mais incisivamente, seu contraste com o caráter irrepresentável da heterogeneidade constitutiva.” (p. 21).

⁶ Também Pêcheux (1995) nos fala do sujeito massas. Tornemos evidente que esse sujeito identifica-se por meio da inicial maiúscula “S”. Tal *Sujeito* se coloca como o centro, o universal, revelando semelhanças com o *Outro* de Lacan (1978). Tanto o *Sujeito* quanto o *Outro* constituem a personificação das massas. Então, quando o sujeito, o indivíduo interpelado e inscrito em uma formação discursiva, enuncia, seu dizer revela o discurso do *Outro* ou do *Sujeito* massas.

discurso enquanto produto de interdiscursos. Sob este viés, a heterogeneidade constitutiva irá apontar para um discurso em que emerge um sujeito senhor do dizer, mas sob um efeito de ilusão. Enquanto que a heterogeneidade representada consiste em como certas formas linguísticas são apresentadas nos discursos, tornando observável tal efeito de ilusão.

No que diz respeito ao efeito ilusório sobre o sujeito, em colocar-se como senhor de seu dizer, Authier-Revuz (1990) afirma que na exterioridade o sujeito jamais irá encontrar um ponto de homogeneidade, somente no campo fantasmagórico é que ele tem a sensação de unidade. Tal condição é criada para o sujeito e constitutiva dele. E acrescenta dizendo que esse é o

[...] fundamento da subjetividade clássica concebida como o interior diante da exterioridade do mundo, o fundamento do sujeito é aqui deslocado, desalojado, em um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, em que a exterioridade está no interior do sujeito. Nesta afirmação de que, constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente (...). (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29)

Sendo assim, diríamos que as formas do Outro no discurso se relacionam com a heterogeneidade constitutiva em que emerge um sujeito, sob o efeito do interdiscurso, e em sua relação com a exterioridade.

Por sua vez, na heterogeneidade representada temos outra forma de constituição do outro para a cadeia discursiva. Neste campo se inscreve o 'outro' com 'o' minúsculo, posteriormente, também chamado por Authier-Revuz (1998) de uma não-coincidência. Esse 'outro' representa um conjunto de formas linguísticas marcadas, apresentando pontos possíveis de circunscrição da heterogeneidade no discurso.

Contudo, devemos considerar que as formas marcadas podem causar ou não uma ruptura sintática na cadeia discursiva mediante o emprego de certos elementos linguísticos. No caso de um discurso indireto, por exemplo, a ruptura sintática acontece quando um termo ou uma palavra é retirado de uma sequência discursiva para ser incorporada em outro lugar sob a condição de paráfrase. Não há uma quebra na sequência discursiva quando uma fala, de um outro discurso, é trazida para um outro lugar na forma glosada, como as citações entre aspas ou itálico. Esses casos

representam o que Authier-Revuz (1990) chama de dupla designação da heterogeneidade representada. É quando há “um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia” e “uma alteridade a que o fragmento remete”. (p. 30)

A alteridade pode ser implícita ou explícita. É implícita, por exemplo, quando as palavras de um outro discurso são empregadas em outro lugar necessitando passar por uma interpretação, ficando essa interpretação dependente do ambiente discursivo. E é explícita a alteridade nos casos em que há a glosa. Em ambos os casos temos designações da exterioridade que apontam para marcas de heterogeneidade, como nas formas as seguir:

- uma outra língua;
- um outro registro discursivo, familiar, pedante, adolescente, grosseiro, etc.;
- um outro discurso, técnico, feminista, marxista, jacobino, moralista, etc. [...];
- uma outra modalidade de consideração de sentido para uma palavra, recorrendo explicitamente ao exterior, um outro discurso especificado, ou aquele da língua como lugar da polissemia, homonímia, metáfora, etc. [...];
- uma outra palavra [...];
- um outro, o interlocutor, diferente do locutor e a este título suscetível de não compreender, ou de não admitir (se você entende o que quero dizer; [...] se você quiser assim [...]), operações implicitamente admitidas como indo de si para fora do discurso [...] (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30-31).

A dupla designação da heterogeneidade representada, por um lugar e uma alteridade, leva à dupla afirmação do um. Esse ‘um’ é uma marca no discurso que constitui a heterogeneidade. Para apontar essa marca é preciso, como diz Authier-Revuz (1990), circunscrevê-la. Isso significa que precisamos distingui-la entre tantos outros pontos dentro da cadeia discursiva, frente à ilusão de homogeneidade da língua, do discurso ou do sentido, considerando a relação do ‘um’ com o ‘outro’ e, conseqüentemente, a exterioridade que constitui o discurso.

Para Authier-Revuz (1990, p. 32) as marcas, os pontos circunscritos no discurso “colocam um exterior em relação ao que se constitui o discurso” e “postulam uma outra exterioridade: aquela do enunciador”.

Outra abordagem interessante sobre a heterogeneidade está na combinação entre dispersão do sujeito e do discurso com os processos parafrásticos. Em seu trabalho, Serrani (1991) coloca que, quando analisamos o 'outro' mediante o 'Outro', trazemos a paráfrase para uma nova perspectiva, enfatizando que o estudo das formas linguísticas, causadoras das rupturas no discurso, traz à aparente estabilidade discursiva a possibilidade de outros sentidos.

A ilusão de estabilidade se interliga ao campo oscilante em que as formações discursivas se encontram, por isso trabalham constantemente na reconfiguração do interdiscurso, procurando manter os dizeres que sustentam as ideologias, repetindo, suscitando ou denegando discursos.

Assim, incorporar a questão da heterogeneidade em uma análise discursiva cria condições para entendermos a relação entre as formações discursivas e as naturezas que as constituem, sejam de forças contrárias ou favoráveis a elas. Nessa relação temos a ocorrência da "dispersão do texto e do sujeito, isto é, o cruzamento de múltiplas vozes nas constituições da textualidade e da subjetividade." (SERRANI, 1991, p. 87).

Para Serrani (1991), a relevância nos trabalhos de Authier-Revuz, acerca da heterogeneidade, está no fato de eles apresentarem uma proposta que evidenciam os traços do pré-construído no fio do discurso, ou como os elementos do interdiscurso se relacionam com o viés intradiscursivo.

Morello (1995) acrescenta que a importância do trabalho de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade do/no discurso consiste no fato de nele termos uma proposta de representação do processo de constituição da identidade do sujeito por meio dos mecanismos que articulam as duas formas de heterogeneidade. E, embora Authier-Revuz considere o interdiscurso na qualidade do outro no discurso a partir do dialogismo bakhtiniano, o fato de ela interligar essa abordagem à ótica da psicanálise lacaniana do 'Outro', do inconsciente, é o que aproxima a perspectiva discursiva da concepção do 'outro' enquanto constitutivo do sujeito e do discurso.

[...] compreendemos que os mecanismos de enunciação através dos quais o sujeito-falante constrói o seu dizer, delimitando em sua forma e/ou sentido, explicitam a relação desse dizer com o dizer de outrem. No entanto, essa explicitação se exerce pelo recurso a enunciados que pré-constroem os conceitos e definições utilizados e que sustentam as

formulações e as relações de sentido desejadas. Nesse sentido, aqueles mecanismos não apenas tornam visíveis os outros discursos no discurso como mostram um incessante retorno ao exterior constitutivo, escamoteando ao mesmo tempo, sob a forma de um controle necessário, porém ilusório, o fato de que este exterior é já-sempre a condição mesmo de existência de um enunciado. (MORELLO, 1995, p. 18-19).

Mediante a exposição de uma ideia que reforça a condição do sujeito enquanto instância cindida e descentrada, Authier-Revuz se pauta nas formas linguísticas meta-enunciativas conferindo ao 'outro' um lugar e uma alteridade. Assim ela propõe uma maneira de descrever a materialidade significante, ao mostrar o 'outro', por circunscrever o 'um'. (MORELLO, 1995).

Na circunscrição do 'um' ocorre um modo de enunciar em que o enunciador considera o já-dito, mas se posicionando a distância do dizer. É como se o enunciador fizesse uma retomada ao interior da linguagem criando um efeito de não-coincidência, mas na verdade o que acontece é a presença do outro, mediante um dizer que não é transparente, e que, portanto, causa a estranheza.

Essa não-coincidência, nos indica Authier, designa espaços em que o dizer deixa de funcionar em sua transparência: instaura-se a possibilidade da incompreensão, do mal-entendido, da ambiguidade: projeta-se a inquietude de um dizer certo, a necessidade de compreensão. Desse modo, a não-coincidência remete a pontos onde se cruzam a busca por fixar um um (uma forma, um sentido, um sujeito) e o reconhecimento do não-um (das outras maneiras de dizer, outros sentidos, outros sujeitos). (MORELLO, 1995, p. 26).

A heterogeneidade do e no discurso dos professores de língua inglesa

A perspectiva discursiva parte do princípio de que todo sujeito é constituído pela linguagem. Por sua vez, a linguagem é a via de representação do inconsciente, através da qual o imaginário se materializa.

Nos estudos de Pêcheux (1995), voltados para a Análise de Discurso, encontramos referências alinhadas às reflexões de Lacan (1978) dentro do campo da psicanálise. Essas referências se situam no fato de que o inconsciente, dos estudos lacanianos, assume a forma da ideologia, nos estudos discursivos. É esse alinhamento

que constitui as bases que levaram os estudiosos a um aprofundamento das questões voltadas à compreensão dos processos de subjetivação, no contexto da formação imaginária, onde a ideologia se traduz na prática realizada por meio da linguagem.

Diante disso, consideramos as abordagens discursivas sobre o *corpus* que definimos na construção do processo de compreensão daquilo que constitui o heterogêneo dos discursos e nos discursos de professores de língua inglesa.

Nos dizeres que analisamos, a relação com a exterioridade está determinada pelas condições de produção. Assim, destacamos que essa relação está definida em nosso propósito ao buscar o saber sobre como esses sujeitos veem a si mesmos e como é a relação de cada um com a língua que ensina.

Para tanto, esclarecemos, brevemente, a identificação das falas dentro dos discursos, que estão configuradas da seguinte forma: S1 = sujeito 1; S2 = sujeito 2; S3 = sujeito 3 e, S4 = sujeito 4.

Para Authier-Revuz (1990) ambas as formas de heterogeneidade, constitutiva e representada, mantêm uma relação com a exterioridade, mas é por meio da heterogeneidade representada e suas formas linguísticas que o sujeito negocia com a heterogeneidade constitutiva em seu discurso. Sendo assim, é importante considerarmos a interdependência entre as duas formas.

Para alguns casos de heterogeneidade representada Authier-Revuz (1990) cita o discurso direto, as aspas, as glosas (itálicos, citações), o discurso indireto livre e os pré-construtos. No funcionamento desses casos estão algumas das formas linguísticas capazes de apontar para a exterioridade da língua e também do sujeito. Sendo assim, o que tomarmos aqui para a heterogeneidade do/no discurso também tem seu efeito sobre o sujeito, uma vez que não existe discurso sem sujeito. (ORLANDI, 1999).

Dos casos citados por Authier-Revuz (1990), tomamos como exemplo os pré-construtos que surgem nas discursividades sob a forma de denegação.

Na materialidade discursiva que analisamos foi possível observar a ocorrência da heterogeneidade representada por denegar ou ocultar a heterogeneidade constitutiva, no contexto que demarca a experiência de um dos sujeitos em um curso de formação para professores de língua inglesa. Ao discutir com seus alunos sobre a prática do ensino de língua inglesa deparou-se com o seguinte discurso de um de seus alunos: (...) *não professor, porque não quero nem saber de inglês na vida!*

Observamos que a materialidade da palavra “não” traz para a discursividade um pré-construto constituído sobre a fragilidade dos cursos de formação para docência, denegando uma condição. Trata-se de um enunciador que renega o fato de estar ali se preparando para no futuro ser professor de língua inglesa, sendo que, posteriormente, é possível encontrá-lo em uma sala de aula lecionando, como relata o próprio professor-formador quando diz:

S2: (...) quando ele menos espera, ele está lá, numa sala, dando aulas de inglês.

Na representação da forma linguística “não” há a evidência de sentido de que “toda fala é determinada de fora.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). Além do que: “Sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28), produzindo as marcas de heterogeneidade do e no discurso. Imbricada nesta condição está a emersão de um sujeito dividido, com um discurso em que sempre é possível reconhecer a presença do Outro.

Prosseguindo em nossa análise, destacamos o seguinte enunciado em S4, quando questionado sobre como ele se vê enquanto professor:

S4: (...) em constante aprendizado, crescimento limitado em algumas áreas, mas buscando superar as barreiras.

Em seu dizer, S4 parte de um lugar determinado por sua formação social. Em seu discurso há a presença de uma relação de força operando como um mecanismo de funcionamento, projetando para o sujeito a imagem de um profissional que está *em constante aprendizado*. E, embora esse sujeito sintasse limitado em suas ações, pela falta de material ou por conhecimento limitado, ele se vê como alguém que busca *superar barreiras*.

O que S4 faz é reproduzir o discurso de que a Educação é aquela capaz de fazer os sujeitos avançarem e produzirem conhecimentos sobre as coisas do mundo. Assim, o exterior é retomado por S4 produzindo o efeito determinante sobre a imagem que ele faz de si próprio. Sendo ele um profissional da Educação, ele também é parte da formação que a constitui.

Sobre o mesmo questionamento, outra resposta:

S2: (...) um agente transformador. (...) essa é a função do professor: transformar realidades ainda que de maneira singela, como se fosse um conta-gotas.

Em S2 observamos a forma como os processos discursivos são construídos. As determinações da exterioridade levam à constituição de um sujeito cindido e determinado por processos de subjetivação dados em espaços de tensão, atestando a dinâmica da relação identidade-alteridade. São condições sobre as quais o sujeito não tem controle, mas que lhe são constitutivas. Falamos aqui da relação linguagem-exterioridade-ideologia, um espaço em que a língua assume uma dimensão própria e o sujeito não é o centro de si, porque os processos discursivos são determinados por aquilo que vem de fora. Tal relação está permeada pela ideologia constituída no funcionamento de um mecanismo ideológico. Este mecanismo se traduz na forma como o sujeito lança seu gesto de interpretação ao buscar um sentido sobre as coisas do mundo.

O que é latente na fala de S2, ao ver a si mesmo como um *agente transformador*, não está apenas em seu desejo de querer mudar uma situação dentro da educação, mas também de significar-se e produzir sentidos. É um efeito da ideologia, produzir evidências e colocar o sujeito na sua relação com o imaginário frente às suas condições materiais de existência. Por esse motivo, ela é tão necessária na constituição do sujeito e dos sentidos.

Assim, as formas de heterogeneidade do/no discurso apresentam diversos aspectos, dos quais destacamos dois para o trecho que segue. O primeiro diz respeito à relação que ambas as formas mantêm com a exterioridade. E o segundo ressalta o modo como na heterogeneidade representada o sujeito negocia com a heterogeneidade constitutiva denegando uma situação em seu discurso. Vejamos:

S1: (...) sempre achei bonito ver as pessoas falando inglês (...) me encantavam, tinha vontade de aprender inglês para poder viajar (...) não viajei muito, mas me sinto realizada com meu aprendizado, gosto de fazer meus alunos viajarem no tempo (...) não consigo fazer um bom trabalho, as salas são lotadas, mesmo na rede particular.

Em S1, realçamos o contraste da relação do sujeito com a língua e sua relação com a escola. Percebemos que o sujeito renega a condição de estrutura que a escola lhe oferece por meio da heterogeneidade representada no fio do discurso. Por outro lado, tal condição parece ser negociada por meio da heterogeneidade constitutiva, mediante seu encantamento pela língua inglesa e o prazer que sente em fazer seus alunos viajarem no tempo, o que remete aos sentidos de que há uma compensação.

Assim, a insatisfação de não conseguir realizar um trabalho adequado tem seu peso aliviado e o sujeito encontra um ponto de equilíbrio, o que pode também remeter a um efeito ilusório.

Uma vez que o discurso que se caracteriza pela heterogeneidade constitutiva é um produto de interdiscursos, vemos que a fala de S1 sobre o seu desejo de aprender a língua inglesa, para se ter acesso às coisas do mundo, nos remete a outros discursos (acadêmico, midiático, econômico, etc.). Por outro lado, são as formas linguísticas, na heterogeneidade representada, que nos fazem perceber de que maneira acontece o processo de negociação e de coexistência entre as heterogeneidades. Um exemplo disso está nos dizeres: “sempre achei bonito”; “não viajei muito, mas me sinto realizada”; “fazer meus alunos viajarem no tempo”; “não consigo fazer um bom trabalho”; “a não ser quando”. As marcas linguísticas em *sempre*, *mas* e *não* evidenciam contradições fazendo S1 oscilar entre seu encanto pela língua e suas condições de trabalho. A negociação acontece como uma tentativa de o sujeito equilibrar o que foi desestabilizado.

Algo não diferente acontece em S3, quando questionado se acredita que na escola de idiomas é possível cumprir os seus objetivos de aprendizagem comparados a uma escola regular de ensino.

S3: Eu consigo assim, eu consigo, consigo ver, a não ser quando você tem dificuldades com alguns casos específicos, de alunos, (...) que não querem fazer (...) porque o pai e a mãe mandam mesmo, (...) nesses casos aí é complicado.

No momento em que os resultados de seus objetivos não vêm na totalidade, apenas vêm em partes, S3 deixa as marcas no fio discursivo de que nem todos os objetivos são possíveis de serem atingidos. As materialidades “assim” e “a não ser” deixam transparecer os sentidos de que nem tudo se consegue, nem tudo é possível.

Com isso, percebemos que na heterogeneidade constitutiva habita a condição de incompletude do discurso e do sujeito, pois nela oscila o terreno instável da discursividade em que os sentidos não se deixam reter, captando “a ameaça de se desfazer a todo momento o que o sujeito e o discurso dão por feitos: no que se constitui e em quem se constitui, por heterogêneo, lhe escapa.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33). O que é necessário diante da constituição de um sujeito cindido, pois é assim que se constitui o imaginário de sua autonomia e de seu centramento.

Assim, o papel da heterogeneidade representada é realizar uma “negociação com as forças centrífugas, de desagregação, da heterogeneidade constitutiva.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33), pois é na forma representada que um discurso consegue manter-se, o que causa um efeito também de constitutivo sobre aquilo que está representado no discurso, porque quando o sujeito se coloca na condição de senhor do dizer dá-se abertura para aquele enunciador trazido pela exterioridade e aos outros dizeres alojados no interdiscurso. É como diz Pêcheux (1995): todo dizer fala antes em outro lugar e independentemente, o que nos remete a outro enunciador e aos dizeres alojados no interdiscurso.

Enquanto as formas linguísticas, sob a insistência do ‘outro’, intentam uma ruptura discursiva e um domínio do sujeito sobre o dizer, o ‘Outro’ surge para a manutenção da cadeia discursiva, mantendo estável o terreno antes oscilante. Porque para o sujeito isso é um efeito, uma ilusão, criando uma condição que não está no seu controle. Quando o ‘Outro’ retoma o seu lugar no discurso, ele cria a condição de segurança e estabilidade não somente para a exterioridade, mas também para o sujeito. Portanto, é em função dessa condição que ele tem a ilusão de domínio sobre o que diz, quando na verdade ele é apenas acometido por um efeito daquilo que é constitutivo do discurso. (AUTHIER-REVUZ, 1990). Então temos, neste ponto de análise, a confluência dos dois esquecimentos descritos por Pêcheux (1995).

Por outro lado, o que escapa ao domínio do sujeito abre margem para outra condição. Na heterogeneidade representada também é possível perceber o ‘Outro’. Mesmo na homogeneidade aparente do discurso há a ocorrência de lapsos e deslizos (ORLANDI, 1999), sob a ocorrência de formas linguísticas representadas por junções. E por junções compreendemos aquelas formas que buscam unir as partes. Na tentativa de ligar essas partes, fissuras vão se apresentar e por elas evidências interdiscursivas vão emergir para a superfície da materialidade.

Por meio dessas formas linguísticas é possível perceber o efeito do imaginário, porque o que é dito sob as palavras aponta para um discurso e um sujeito divididos mediante a presença do Outro. Esse Outro, da ordem constitutiva, está no desejo de completude desses sujeitos-professores, de desejar o todo que a língua ilusoriamente possa oferecer, como se o todo fosse passível de retenção. É o efeito do inconsciente

sobre a discursividade, da exterioridade que retorna para o interior do sujeito, desvelando sua instância complexa sob o efeito da linguagem.

Sobre o entendimento da heterogeneidade do/no discurso, vamos lembrar a interpretação que Serrani (1991) faz dos conceitos de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade representada em Authier-Revuz (1990; 1998), trazendo-os para a abordagem da paráfrase, na análise do 'outro' perante o 'Outro'.

S4, quando solicitado para falar do fato de ensinar uma língua estrangeira, se essa condição interfere na maneira como ele interpreta o mundo à sua volta e o que a língua inglesa tem lhe proporcionado, assim responde:

S4: Sim. Claramente. A visão de mundo, o acesso às informações, a exploração de outros campos não transitáveis pelos não falantes, a experiência adquirida com a vivência influencia diretamente no ensino. (...). Acredito que este processo de ter outro idioma é imensurável.

Neste enunciado, S4 alia o seu saber sobre a língua inglesa, constituído a partir de sua condição de ensiná-la, o que demonstra que para S4 há uma simbiose entre ensinar e aprender. E o que a língua lhe proporciona está naquilo que lhe é peculiar, pois ele tem acesso a 'outros campos' aos quais os 'não falantes' não circulam. Os 'outros campos' e 'ter outro idioma é imensurável' constituem, em tese, uma materialidade de representação do Outro, o universal, o que compreende a incompletude. E isso é desestabilizador (PÊCHEUX, 1997), porque da mesma forma que S4 tem acesso a outros saberes que os não falantes não têm, ele nunca o terá por completo. A imensurabilidade foge ao seu alcance e também os sentidos lhe escapam, porque o que não se pode medir também não se pode conhecer.

Outra condição em S4 está no modo como a heterogeneidade se faz presente no fio do discurso sob a marca do pré-construído: os dizeres colocam a língua inglesa como aquela que nos oferece 'uma visão de mundo' e que nos dá 'o acesso às informações'. Com isso, temos na forma representada seu processo de interdependência com a forma constitutiva, através da maneira como o intradiscurso se configura no interdiscurso.

Serrani (1991) destaca a interdependência e a especificidade de cada forma de heterogeneidade, enfatizando que a forma representada não é espelho da forma constitutiva e que a primeira funciona como uma maneira de o sujeito negociar com a

segunda. É a partir daí que surge a denegação no processo discursivo. Mediante a uma negociação falha o sujeito nega a onipresença do Outro, mas este permanece ali na sutura, encoberto pela forma linguística que intentava encobertá-lo.

Assim, percebemos que o discurso e a identidade do sujeito estão no campo de tensão entre a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade representada mediante a um jogo de incertezas, em que ambas as formas têm que negociar por suas manutenções. É o que Authier-Revuz (1990) chama de a diluição, a dissolução do 'outro' no 'um', na qual o 'um' se arrisca em seu processo de confirmação, do contrário, o dizer estará sujeito a se perder na cadeia discursiva.

É dessa forma que heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade representada negociam com as condições de manutenção do discurso e também da identidade do sujeito. Embora de modo distinto, contudo, complementar.

Sobre as análises, lembramos as considerações de Morello (1995) sobre a proposta de Authier-Revuz, acerca da circunscrição do 'um' para mostrar o 'outro', aquilo que o enunciador busca entre os dizeres já-ditos na reconstrução de discurso. Neste caso, temos um enunciador que se posiciona distante do dizer, criando o efeito de não-coincidência, demarcando a presença do outro. *S4*, ao dizer dos 'campos não transitáveis', por exemplo, deixa o discurso na condição de incompreensão, mediante a não possibilidade de fixação de um sentido. Com isso, o dizer deixa de funcionar em sua transparência, pois não há uma coincidência sobre que campos são esses que *S4* enuncia.

Assim, destacamos que, no contraste entre as duas formas de heterogeneidade, há

[...] uma heterogeneidade radical, exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, **não localizável**, e **não representável**, no discurso que constitui, aquela do Outro **do discurso** – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente –, se opõe à **representação**, no discurso, as diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior pelas quais o **um** – sujeito, discurso – **se limita na pluralidade dos outros**⁷, e ao mesmo tempo afirma a figura dum enunciador exterior ao seu discurso. (AUTHIER-REVUZ 1990, p. 32).

⁷ Grifos do texto original.

Essa reflexão também nos leva a pensar em duas ordens diferentes, “a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32). As duas formas de heterogeneidade não se relacionam de modo simples, porque, do contrário, haveria uma transparência do dizer, o que nos remeteria ao real da língua, e como nos diz Orlandi (1999) e Pêcheux (1995) não temos acesso ao real da língua, apenas à realidade que se manifesta na materialidade.

Considerações finais

Em nossa proposta acerca da temática da heterogeneidade, consideramos em nossas reflexões que as duas formas apresentadas, a constitutiva e a representada, coexistem de maneira articulável e solidária, de modo que um plano não reduz ou fecha o outro. Com isso, a relação entre as duas postula uma condição de interdependência e, ao mesmo tempo, de especificidade para cada plano.

Destacamos também, com base nas análises feitas, que o imaginário é o que “restitui uma unidade ao sujeito e ao discurso face ao seu engendramento pela exterioridade, pela heterogeneidade.” (MORELLO 1995, p. 59). Embora, seja sob um efeito de ilusão que o sujeito se inscreve no simbólico, no imaginário, colocando-se como centro e senhor de si e do seu dizer, essa é uma condição da linguagem, e, portanto, estruturante para o sujeito e seu discurso.

Sendo assim, no seu modo de dizer, observamos que o sujeito intervém sobre o ‘outro’, no controle e no discernimento dessa exterioridade em relação ao interior em que se aloja o ‘um’. Este ‘um’ é o que lhe assegura sua unidade e sua identidade perante o universo do ‘Outro’, ao mesmo tempo em que o sujeito se projeta para o exterior por meio das palavras que enuncia.

Desta forma, temos a construção das discursividades, imbricadas pela condição de interdependência daquilo que vive alojado no imaginário com aquilo que se projeta no fio discursivo, constituindo a heterogeneidade do sujeito e do seu dizer.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderlei Geraldi. Caderno de Estudos Linguísticos. Nº 19. Pp. 25-42. Campinas, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: As não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MORELLO, Rosangela. *Os meandros da alteridade: marcas de dizer e indistinção de vozes no discurso*. 80 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- OLIVEIRA, M. I. S. *A heterogeneidade constitutiva na identidade do sujeito-professor de língua inglesa: ressonâncias sobre o modo de dizer e lugares discursivos*. 134 f. Dissertação Mestrado. (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade Federal de Rondônia, 2016.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas – São Paulo: Pontes, 1999.
- PAULILLO, Rosana. *A Enunciação Vacilante: Formas do Heterogêneo no Discurso de Si*. 284 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- PÊCHEUX, Michel & GADET, Françoise. *A Língua Inatingível*. In: ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – Michel Pêcheux*. 2ª Ed. Pp. 93-105. Campinas: Pontes, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- SERRANI, Silvana Mabel. *A Paráfrase como Ressonância Interdiscursiva na Construção do Imaginário da Língua – O Caso do Espanhol Riopratense*. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

Recebido em: 25/05/2017

Aceito em: 19/08/2017